

CORRIDA À MEIA-NOITE

BEN
MEZRICH

Tradução de **Wendy Campos**



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2023

*Para meus pais, por serem meus primeiros
leitores e maiores incentivadores – mas
principalmente por me obrigarem a ler dois
livros por semana, quando criança, para só
então ter permissão para assistir televisão.*

PRÓLOGO

E eis que surgiu uma grande tempestade no mar... A sensação foi repentina e inesperada, tão selvagem, intensa e feroz, que Robert “Bobby” Donati chegou a ofegar. Ele podia sentir — realmente *sentir* — o convés de madeira se elevando sob seus pés enquanto as ondas gigantescas quebravam contra a popa do barco cambaleante. Ele podia *ver* as nuvens de tempestade escuras e violentas tremulando contra o mastro quebrado, enquanto a proa adernava em direção às rochas pontiagudas, à morte certa. Ele podia ouvir os gritos dos passageiros amontoados atrás de si — a maioria paralisada pelo pânico desconcertante; alguns ainda empunhavam remos ou tentavam desesperadamente consertar a vela principal — na tentativa de fazer algo, qualquer coisa. Exceto por um homem, no centro do convés, que observava a tempestade com uma resignação serena, que só poderia ser descrita como divinal, porque, *ora* — e então a própria voz de Bobby o arrancou do transe, seu forte sotaque de Boston soando levemente metálico em seus ouvidos.

— Venha, me ajude a tirar isso da parede.

Bobby recuou, quase surpreso ao sentir o mármore sob os coturnos, em vez das tábuas de madeira úmida do veleiro do século XVII. O barco, as ondas e a tempestade não eram menos impressionantes

por estarem atrás do grosso vidro, envolto por uma moldura dourada de um metro e meio de altura que parecia pesar cerca de vinte, trinta quilos. Bobby não sabia bem o que o fez parar diante daquela pintura em particular enquanto atravessava a galeria escura — o luxuosamente decorado Salão Holandês estava repleto de obras-primas, quadro após quadro graciosamente ornamentado, salpicados ao longo das paredes adornadas, sob candelabros e lustres vertendo lágrimas de cristal tão antigas e tristes quanto as cortinas de seda pendendo das janelas arqueadas que davam para o pátio dois andares abaixo. Mas, por algum motivo, o barco o atraía, e a voz interior de Bobby se manifestou; apesar de cada partícula racional em seu corpo lhe dizer que era a coisa errada na hora errada — que o caminho inteligente, cauteloso e seguro era seguir o plano — Bobby nunca foi capaz de ignorar aquela maldita voz.

Ele olhou para o parceiro, parado do outro lado da galeria. Dez centímetros mais alto e dez quilos mais pesado que Bobby, Richie Gustiano parecia ridículo em seu uniforme — dois números menor e apertado demais na cintura. Bobby tinha a impressão de que os botões de latão brilhante saíam voando a qualquer momento. Para piorar, o bigode de Richie pendia de seu lábio superior e seu quepe estava ao contrário; a única coisa nele que parecia real era seu distintivo, que felizmente fora mais do que o suficiente para possibilitar que estacionassem o carro vermelho em um beco a um quarteirão de distância e entrassem no museu pela porta lateral.

— Está me ouvindo? — Bobby perguntou e depois repetiu, mais alto. — Venha aqui e me ajude com isso.

— Está falando sério? — Richie finalmente respondeu, aquele bigode dançando em sintonia com um sotaque ainda mais carregado do que o de Bobby. — Nós nem deveríamos estar aqui.

Isso era verdade; Richie podia ser grande, mas não era estúpido. Bem, ele era grande e estúpido, mas o plano era simples o suficiente

para que até Richie pudesse segui-lo sem um ensaio prévio. Trabalhos sob encomenda eram muitas vezes assim; cada passo explicado em minuciosos detalhes, como uma pintura com números — tudo o que você precisava fazer era manter o pincel dentro das linhas.

Bobby voltou para a tempestade, as ondas e o barco.

— Sim, estou falando sério.

— O trabalho não é esse — insistiu Richie.

— Eu sei — respondeu Bobby.

Mas ele já estava pegando a moldura.



Desde que aquela maldita voz começou a se manifestar, Bobby nunca foi muito bom em manter o pincel entre as linhas. Falta de controle de impulsos — era assim que os professores, os sacerdotes e os assistentes sociais chamavam quando Bobby estava crescendo no leste de Boston; às vezes ele simplesmente *agia*. Provavelmente essa era a razão de, aos 51 anos, sua folha de antecedentes ser tão longa e variada quanto sua lista de dívidas.

Bobby sorriu enquanto deslizava seu estilete ao longo das bordas da tela que agora repousava no chão a sua frente. A sensação da lâmina contra a pintura era estranha e única. As lascas e o pó da tinta espirravam contra seus dedos enluvados, inundando-o com um senso de magnitude. Ele sabia que a tinta era antiga — ainda mais antiga do que o prédio ao seu redor, que parecia uma espécie de palácio veneziano transportado de avião diretamente da Itália do século XIX e despejado em um subúrbio arborizado de Boston. Mas não era apenas a idade da tela, já quase totalmente fora da moldura dourada e começando a se enrolar nas bordas — como um pedaço de jornal perto demais do fogo. Bobby sabia que a decisão que ele havia tomado não era apenas espontânea; era, muito provavelmente, *histórica*.

Ele manteve o joelho firme contra a parte inferior do quadro enquanto trabalhava, ignorando as gotas de suor escorrendo pela nuca e manchando o colarinho de seu uniforme policial emprestado. Ele podia ouvir os grunhidos de Richie enquanto o grandalhão trabalhava em outra pintura a alguns metros dele — um quadro muito menor, talvez dois metros de largura por dois de altura, a tela representando algum tipo de cena de salão do século XVII envolvendo um cara com um instrumento de cordas, duas mulheres e um piano. Não demorou muito para convencer seu parceiro a participar da diversão, uma vez que eles tiraram o grande quadro da parede. Richie sempre foi mais obediente do que a maioria dos capangas com quem Bobby cresceu nas ruas de Revere, e foi por isso que Bobby o contratou. Não importa o quão simples um trabalho parecia no papel, sempre havia a possibilidade de complicações inesperadas — e a última coisa de que você precisa quando as coisas saem do roteiro é um parceiro que goste de pensar por si mesmo.

Quando Bobby deslizou o estilete para baixo em direção ao último canto de sua tela, finalmente examinou a sala ao redor deles. “Fora do roteiro” era um eufemismo. Não eram apenas a pintura do barco e aquela que Richie estava cortando; agora havia meia dúzia de quadros vazios espalhados pela galeria, cada um ao lado de restos de vidro quebrado. Algumas das telas já estavam enroladas e empilhadas em um canto perto da porta, enquanto outras ainda estavam espalhadas pelo chão onde eles trabalhavam. Bobby não tinha tubos para colocá-las, mas tinha muita fita adesiva e braçadeiras plásticas na mochila, deixada do lado de fora do Salão Holandês, no corredor do segundo andar que levava a outras áreas do museu. Os tubos teriam sido melhores — só Deus sabia o quanto aquelas coisas realmente valiam —, mas a fita e as braçadeiras teriam que servir.

Este não era o primeiro roubo de obras de arte de Bobby, embora certamente fosse o mais estranho, principalmente porque não

deveria ter sido um roubo de obras de arte. Mas ele já havia roubado pinturas antes e sabia que a arte antiga costumava valer milhões. Então, novamente, com pinturas como essas, não era tanto sobre o quanto valiam, era mais uma questão de encontrar alguém disposto a pagar por elas. Até mesmo o bilionário mais excêntrico não poderia simplesmente pendurar um Rembrandt na parede de sua sala de estar.

Mas naquele momento, pouco depois da 1h da madrugada, vestido como policial, deslizando o estilete pelos últimos centímetros da borda de um quadro de 400 anos, Bobby não se preocupava com as possíveis etapas futuras. Um dos benefícios de agir por impulso era poder realmente se deleitar com o momento, e olhando através da galeria violada, ficou claro que Bobby e seu parceiro tinham feito uma festa. Bobby realmente se sentiu mal pelos policiais federais que, sem dúvida, tentariam reconstruir o que agora era uma cena de crime caótica. Para ser justo, mesmo antes de Bobby se desviar do plano, a cena toda já não fazia muito sentido.

Um bom exemplo disso eram os dois guardas de segurança que os deixaram entrar pela porta lateral depois de ver seus distintivos e que agora estavam presos e algemados em uma sala de caldeiras três andares abaixo. Se dependesse de Bobby, ele teria usado o estilete neles primeiro, porque ele era um profissional, e profissionais não deixam testemunhas. Além disso, havia o tempo que eles já haviam passado no museu; uma rápida olhada em seu relógio comprovou que eles já estavam lá havia uma hora — uma quantidade absurda de tempo, embora quanto a isso Bobby só tivesse a si mesmo e sua natureza impulsiva a quem culpar. Se ele tivesse seguido o plano, eles teriam entrado e saído em minutos.

Mas, apesar do quanto tudo aquilo pareceria confuso para os federais, Bobby não estava preocupado com o tempo, assim como não estava preocupado com as câmeras de segurança pelas quais

passaram ao sair do porão — onde haviam prendido os seguranças — e seguir para o segundo andar do edifício gigantesco. O sistema de segurança era quase tão antigo quanto a galeria ao seu redor; na saída, eles não teriam problemas em pegar as fitas do videocassete na cabine de segurança do primeiro andar. Além do que, mesmo que tivessem passado a noite inteira tirando os quadros das paredes de todos os cômodos, era improvável que algum policial de verdade aparecesse para interrompê-los. Havia uma razão para as pessoas que contrataram Bobby para o trabalho escolherem aquela madrugada em particular — 18 de março — logo após o Dia de São Patrício. Todo policial de Boston que se preze estava de folga e bêbado ou de plantão, lidando com bêbados.

Bobby terminou de extrair a enorme tela e se levantou, deslizando o estilete de volta para o bolso. Richie se juntou a ele no centro da sala alguns minutos depois, avaliando a cena com um olhar resolutivo em seus olhos arregalados.

— Acho que agora devemos pegar o que viemos buscar — sugeriu Richie, e Bobby assentiu, enquanto começava a recolher as telas enroladas. Quando ele se dirigiu para a porta, notou que seu parceiro havia parado diante de uma prateleira baixa contendo algumas esculturas; o grandalhão parecia particularmente intrigado com um vaso de aparência antiga, algo estrangeiro, talvez chinês ou árabe. O objeto não parecia tão impressionante para Bobby, mas, por algum motivo, Richie deu de ombros e o surrupiou da prateleira.

Bobby sorriu, enquanto guiava seu parceiro para fora da galeria, de volta ao corredor do segundo andar. Eles tinham uma pilha de pinturas que valiam milhões, e Richie parou para pegar um vaso que parecia ter saído de uma prateleira da loja de penhores do bairro. Pelo menos o grandalhão estava entrando no espírito. Dane-se, talvez o vaso pagasse pelas multas que certamente receberiam por terem estacionado naquele beco.



Cinco minutos depois, Bobby estava dois passos à frente de seu parceiro quando entraram em uma sala de exposição muito menor — era mais um corredor do que uma galeria, repleta de móveis de época e gavetas enfileiradas cheias de retratos e desenhos. Desta vez, as paredes ostentavam apenas um punhado de quadros com molduras douradas ornamentadas. Ainda assim, Bobby identificou vários deles que poderiam ser boas adições às telas que ele já havia surrupiado.

Mas seu parceiro estava focado em seu alvo, afixado na parede acima de um armário de meados do século XVIII, no meio do corredor. Não era uma pintura — nada tão intenso quanto o barco na tempestade que chamara a atenção de Bobby, nem tão bonito quanto a serena cena que Richie roubara do Salão Holandês. Um objeto, algo antigo, mas não tão antigo quanto o vaso chinês ou árabe. E não estava em uma moldura, mas, mesmo assim, seria difícil de remover. Não era um trabalho para o estilete desta vez — Richie já havia tirado uma chave de fenda do bolso do casaco e examinava o armário abaixo do objeto, tentando decidir se suportaria seu peso.

Então ele fez uma pausa, olhando para Bobby.

— Eles querem a bandeira também?

Bobby balançou a cabeça. Eles não queriam a bandeira.

Eles não queriam os quadros.

Eles contrataram Bobby, por uma soma exorbitante, para obter um item — e somente um item — daquele museu. Uma soma exorbitante para seguir um plano que não fazia muito sentido: roubar um objeto praticamente sem valor.

Bobby olhou ao redor da sala, para as gavetas cheias de retratos e desenhos — e sorriu.

Controle de impulsos.

Enquanto Richie levava sua chave de fenda ao objeto preso à parede, Bobby se dirigiu até as gavetas. Ele não era irlandês, mas aquela noite seria celebrada como se ele tivesse nascido em South Boston — ou Southie, como era conhecido —, e não em Revere.

Seguir o plano à risca sempre foi a jogada inteligente; mantinha você seguro, tranquilo e indetectável.

Mas seria a obra-prima impressionista que gravaria seu nome nos livros de história.



AMOSTRA

CAPÍTULO 1

|||||

Já passava um pouco das 2h de uma quarta-feira, e Hailey Gordon estava prestes a fazer a jogada de sua vida.

Ela agarrou a borda almofadada da mesa de blackjack com as duas mãos enquanto lançava um olhar deliberadamente indiferente para as cartas espalhadas pelo feltro verde. Deus, era difícil manter suas emoções sob controle, aplacar a euforia que corria em suas veias! Ela queria pular de sua cadeira, abraçar o velho simpático sentado dois assentos ao lado, levá-lo no ar e rodopiá-lo até seus chinelos ortopédicos saírem voando. Em vez disso, Hailey estampou no rosto um olhar entediado, depois fez um gesto com a mão, exibindo as unhas muito bem cuidadas, sinalizando ao *dealer* que não queria mais cartas.

Em seguida, foi a vez do velho, na terceira base, a última cadeira à mesa. Eram apenas os dois na mesa durante a última hora – pelo avançado da hora em um dia de semana e porque a aposta mínima naquela mesa específica naquele cassino específico eram muito altas para o bairro a sua volta. Hailey não fazia ideia de como o homem tinha cacife para uma aposta mínima de cem dólares; dos chinelos ortopédicos ao terno de linho, tudo no homem gritava aposentadoria. Por outro lado, Hailey sabia muito bem que as aparências podem ser traiçoeiras. Ela usava sua aparência para ludibriar havia um bom

tempo. E no momento, estava prestes a forjar seu caminho até uma pequena fortuna.

O *dealer* não estava prestando atenção, e o chefe de banca — um cara enrugado, levemente acima do peso, com uma barriga que pressionava os botões de seu uniforme enquanto conversava com uma garçonete do outro lado da banca de blackjack — estava ocupado, então Hailey lançou um olhar demorado para a parte interna da mesa. O caleidoscópio de fichas coloridas espalhadas pelo feltro perto dela era pura beleza, e a julgar pela carta revelada do *dealer* — um seis, um maravilhoso, incrível e sexy seis —, as coisas estavam prestes a ficar ainda melhores. Hailey tinha 8 mil dólares nas quatro mãos, outros 6 mil em fichas amarelas, *bananas*, guardadas em segurança ao lado de sua bebida, uma mistura castanho-clara em um copo de uísque que cheirava a suco de maçã se você chegasse perto o suficiente. Porque, na verdade, *era* suco de maçã.

Aparências, de novo traiçoeiras.

Mas ao percorrer os olhos pelo cassino ao seu redor, Hailey sabia que não tinha nada pelo que se sentir culpada. O ambiente — como em todos os estabelecimentos desse tipo — fora todo construído para criar uma ilusão. O salão de jogos de mesa era vasto e excessivamente bege; exceto pelo verde dos feltros, tudo era bege — das mesas ao carpete e às paredes acortinadas. Em contraste gritante, havia veludos vermelhos pendurados no teto alto — combinando com o mar carmesim que cobria cada centímetro do salão de máquinas caça-níqueis nas proximidades — e música suave e relaxante ecoando de alto-falantes escondidos em algum lugar nos cantos. O ar era frio e, se os rumores forem verdadeiros, um pouco oxigenado demais. E tudo tinha um cheiro levemente floral. Para aumentar a ilusão, o lugar era repleto de flores. Um excesso botânico capaz de provocar convulsões — 55 mil flores ladeavam as passarelas em frente à entrada do luxuoso cassino, 4 mil vasos se espalhavam pelas áreas de jogos e quartos do hotel e uma intrincada profusão de arranjos em um rodopiante carrossel que dominava o saguão. Mas o aroma no ar não

vinha das plantas coloridas, era fabricado por equipes de aromaterapeutas e borrifado no ambiente junto com o oxigênio. Tudo — a decoração, a iluminação e o ar — era *projetado* por pessoas muito mais interessadas em lucro do que em arte.

Há uma razão para não haver relógios nos cassinos e sempre ser difícil encontrar o caminho de volta até a entrada. Há uma razão para Vegas não ter frigobares nos quartos de seus hotéis e para a notável ausência de janelas em qualquer lugar perto das áreas de jogos. Diabos, há uma razão para os tapetes nos cassinos serem geralmente feios e destoantes; a ideia é manter os olhos à frente, nas luzes piscantes dos caça-níqueis e nos habilidosos movimentos das cartas nas mãos dos *dealers*. As pistas visuais, o design do edifício, o cheiro — tudo é pensado para fazê-lo jogar e continuar jogando. Porque, quanto mais você joga, mais, em média, você perde. E não importa se o cassino está no meio da Strip de Vegas, ou aqui, a mais de 4 mil quilômetros, nos arredores da Baía de Boston; um cassino é um grande número de ilusionismo, um caixa eletrônico invertido mascarado como um local de entretenimento, onde tudo é feito para tomar seu dinheiro.

O Encore Boston Harbor era tão bonito e cintilante quanto qualquer outro cassino de Nevada. Desde a escultura de ninguém menos que Popeye — uma obra de Koons com valor estimado em 30 milhões de dólares — no corredor da frente até o carrossel florido no saguão — com um unicórnio, um Pegasus e um hipocampo, por que não? —, o lugar parecia muito com Vegas. E durante as primeiras horas da noite, a clientela era abastada, profissionais em jaquetas esportivas misturando-se a millennials vestidos para uma noitada. Mas quanto mais tarde ficava, mais a clientela se tornava local, de Chelsea, Everett e Malden, o que combinava com Hailey, porque, no fundo, debaixo de seus cabelos com luzes douradas, camisa polo e saia de tenista combinando, as unhas bem cuidadas, as joias falsas em seus dedos e pescoço, ela *era* Chelsea, Everett e Malden. As roupas, as joias e até o cabelo eram uma ilusão, algo montado cuidadosamente

no pequeno banheiro do apartamento que dividia com duas colegas em Central Square, Cambridge. Até mesmo a maneira como ela estava sentada, as pernas bronzeadas artificialmente cruzadas sobre o joelho, os tênis sacudindo para cima e para baixo, os dedos distraidamente enrolando mechas de seus cabelos dourados — tudo isso fazia parte da ilusão. *A linda e loira namorada troféu torrando o dinheiro do namorado sem uma preocupação sequer neste maldito mundo.*

Nada disso era real. O dinheiro na mesa era basicamente tudo o que ela tinha. Não tinha namorado, jamais pegou em uma raquete de tênis em sua vida e seu cabelo natural era castanho. *Um número de ilusionismo dentro de um número de ilusionismo.* Qualquer um que olhasse para ela — do chefe de banca aos homens nas cabines de segurança, conectados às câmeras sobre as mesas de blackjack, apelidadas de “olhos no céu”, até o simpático velhinho na ponta da mesa — veria o que ela queria que vissem: *uma linda e loira namorada troféu.* Não uma estudante de doutorado em matemática aplicada no MIT que se virava na vida com seu único atributo *real*: a facilidade com números. E agora os números lhe diziam que ela estava prestes a sair de uma longa noite de jogatina com dinheiro suficiente para pagar seu aluguel, um semestre de mensalidade da faculdade e a maioria de suas contas pendentes.

O velhinho finalmente pediu outra carta para sua difícil mão de quatorze, e o *dealer* o atendeu com um ar cansado, revelando um quatro. Hailey acrescentou um à contagem em andamento, ajustando a contagem verdadeira em sua cabeça: *mais catorze* com dois terços do baralho distribuído, uma rodada bem longa, provavelmente porque o *dealer*, um homem careca de 50 e poucos anos com os óculos embaçados pelas muitas horas na sala com ar-condicionado, parecia entediado e exausto ao fim de um longo turno. Uma contagem tão alta quase no fim do baralho significava que as cartas restantes eram altas, figuras e ases; uma *upcard*¹ de seis provavelmente levaria a uma

|||||||||

¹ *Upcard* é o nome dado para a primeira carta aberta na mão do *dealer*. (N. da T.)

mão estourada do *dealer*, o que significava que as quatro mãos de Hailey pagariam.

Mesmo que parecesse complicado para os não iniciados, vencer no blackjack é, na verdade, pura matemática básica. Você conta as cartas baixas e altas à medida que saem do baralho; quanto mais cartas baixas saírem, maior será a contagem e melhor o baralho se torna. Quanto mais cartas são distribuídas, mais significativo é esse número — que é a diferença entre a contagem corrente e a contagem verdadeira. E quanto maior esse número, mais dinheiro você desejaria ter na mesa.

A aposta original de Hailey tinha sido de 2 mil dólares, e ela recebeu duas figuras. A *upcard* era um seis. Ela dividiu o jogo, o que era uma jogada incomum. No nível em que ela estava jogando, você esperaria que um movimento como esse chamasse a atenção do chefe de banca, mas a garçonete era muito mais interessante do que uma loira bêbada e burra jogando fora o dinheiro do namorado depois de um dia na quadra de tênis. Em seguida, ambas as mãos divididas de Hailey receberam figuras — um valete e uma rainha —, e ela as dividiu novamente.

Até o *dealer* arqueou as sobrancelhas acima de seus óculos embaçados diante dos 8 mil dólares agora em jogo, mas ela apenas sorriu e fez um comentário sobre o quanto o namorado ficaria bravo se ela perdesse.

Então, quando o *dealer* estendeu a mão para virar a *hole card*,² ela fez o possível para manter a tensão longe de suas bochechas e olhos, estampando um sorriso leve e despreocupado — e lá estava ele, um dez, vermelho brilhante e perfeito, resultando em um *dealer* com dezesseis. O que significava que ele precisaria de outra carta. Seus dedos correram para o *shoe*³ de forma puramente mecânica, como

|||||||

² *Hole card* é a segunda carta da mão do *dealer*, que só é revelada após os jogadores decidirem se querem ou não mais cartas em suas respectivas mãos. (N. da T.)

³ *Shoe* é uma caixa onde são colocadas as cartas depois de embaralhadas. É de lá que o *dealer* faz a distribuição das cartas. (N. da T.)

engrenagens em uma máquina, e, em seguida, a próxima carta zuniu no feltro, virada para cima. Mais um dez.

O *dealer* estourou com 26.

Hailey lutou contra os fogos de artifício em seu peito quando o *dealer* começou a empurrar pilhas idênticas de fichas amarelas ao lado de suas apostas, mais 8 mil dólares para se somar aos seus 14 mil. *Vinte e dois mil dólares*. O velhote na ponta da mesa batia palmas, sua aposta de cem dólares dobrou, e Hailey estava prestes a parabenizá-lo, quando algo chamou sua atenção. Para além do simpático velhote, do outro lado da sala bege, uma porta se abriu e dois homens se aproximavam. Eram homens enormes, altos e robustos. Um tinha um corte de cabelo militar, e o outro, cabelos tingidos que não enganavam ninguém. Ambos usavam ternos escuros, e aquele com o corte militar falava em um comunicador preso a sua lapela.

— Bela vitória — disse o *dealer*, recolhendo as cartas, mas Hailey mal estava ouvindo. Os dois homens caminharam alguns metros em sua direção e fizeram uma pausa, o de corte militar ainda falava em sua lapela. E foi então que ele olhou para cima — direto para Hailey. Antes que ela tivesse a chance de reagir, seus olhos se cruzaram, e ela *sabia*.

Ela tinha sido descoberta.



CAPÍTULO 2

|||||

O brigada — disse Hailey ao *dealer*, descruzando as pernas e levantando-se rapidamente da cadeira. — É melhor eu voltar para o meu quarto e esconder isso do meu namorado, ou ele vai perder tudo na roleta.

Ela pegou as fichas com as duas mãos e as enfiou na bolsa, aberta em seu colo. Na verdade, era de Jill, sua colega de quarto; tinha estampa de tigre e fechos de bronze desgastados pelas muitas noites passadas em clubes em Kenmore, aplicando e reaplicando maquiagem em banheiros repletos de meninas da Universidade de Boston. O batom e o pó compacto foram substituídos por uma identidade falsa e uma caixa de suco pela metade. Tudo parte da encenação — ir ao banheiro no início da noite, despejar o uísque que ela havia pedido quando se sentou pela primeira vez e reabastecer o copo com suco de maçã. Ninguém apostando 2 mil dólares por mão no blackjack jogava sóbrio, e não importava o quão tarde fosse, não importava o quão desatento o chefe de banca parecia, em um cassino você tinha que presumir que alguém estava *sempre* observando.

Obviamente, essa suposição era verdadeira novamente, porque os dois homens de terno estavam agora indo direto para a mesa de Hailey. Ela enfiou as últimas fichas na bolsa e a fechou.

— Você não quer trocar por fichas mais altas? — perguntou o *dealer*.